

Permitidas a reprodução e a distribuição. Para alterações, solicitar o prévio consentimento da ICK.

ICK em revista

Edição número 13 - Primavera/2006

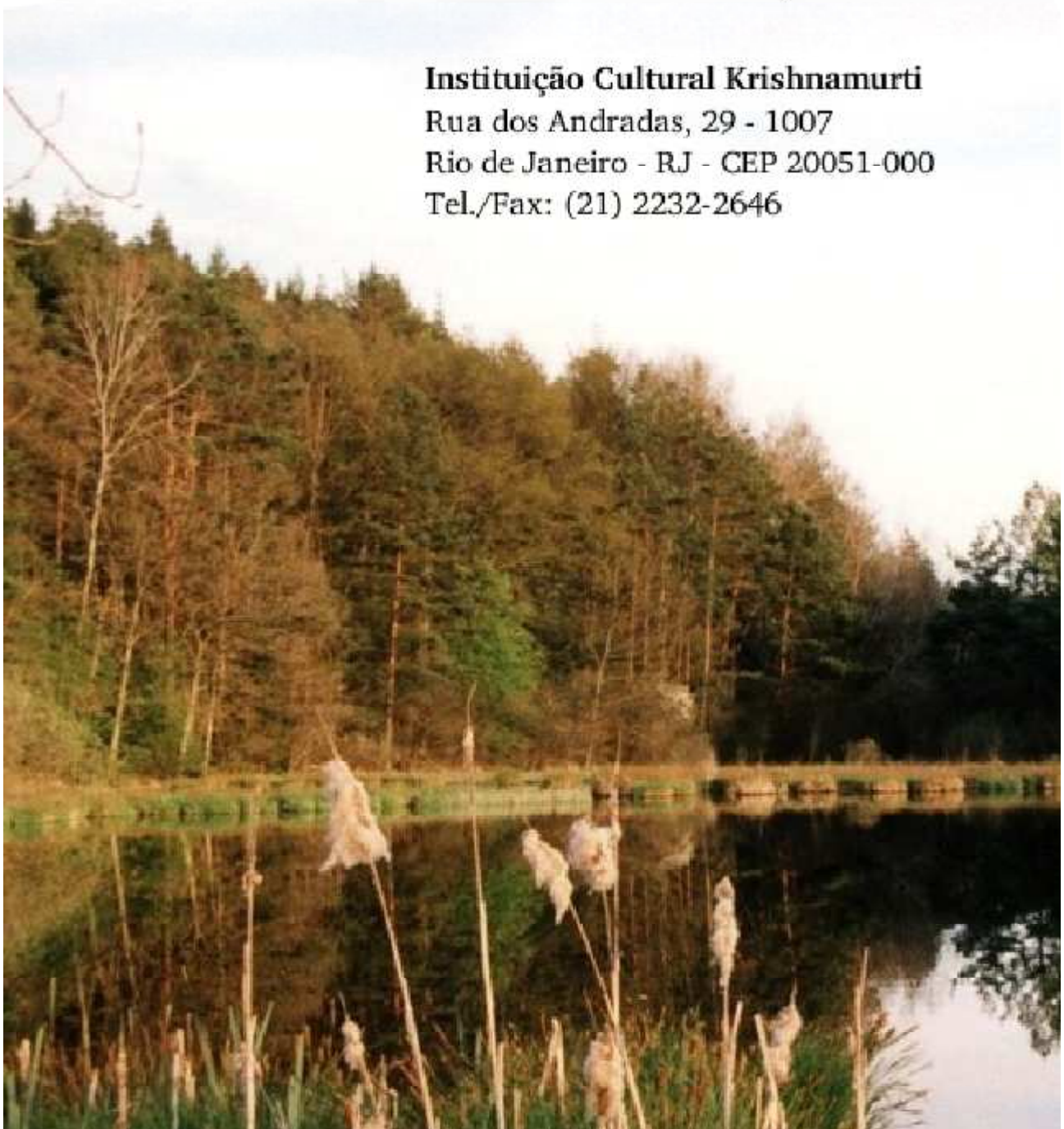
www.krishnamurti.org.br

Instituição Cultural Krishnamurti

Rua dos Andradas, 29 - 1007

Rio de Janeiro - RJ - CEP 20051-000

Tel./Fax: (21) 2232-2646



Nota Editorial

Artigos

Esta é a nossa terra, não sua ou minha

O movimento retrógrado

Indiferença e compreensão

O que é morrer?

A verdade tem sua própria força?

O que você fará quando K tiver partido?

O que é criação?

Notícias

Evento público no próximo dia 25 de novembro

Nota Editorial

No dia 31 de Outubro, de acordo com os jornais Science e The New York Times, foi julgada pela suprema corte da Líbia uma equipe de quatro enfermeiros búlgaros e um médico palestino. Eles são acusados de haverem infectado 426 crianças do hospital infantil Al Fateh com o vírus HIV. Encarcerados desde 1998, quando a infecção foi detectada, os especialistas foram forçados a confessar, sob tortura, que teriam provocado deliberadamente a infecção, numa espécie de ataque bioterrorista. Os promotores solicitaram a pena de morte, e os especialistas agora aguardam a sentença final, esperada para o dia 19 de dezembro.

O problema é que, segundo alguns dos maiores especialistas no assunto, incluindo o Dr. Luc Montagnier e o Dr. Robert Gallo, co-descobridores do vírus da AIDS, e o Dr. Vitorio Colizzi, testemunha especial no caso, as evidências científicas demonstram que os médicos são inocentes, sendo as más condições sanitárias do hospital a causa real da epidemia. Cartas assinadas por centenas de cientistas, sobretudo de organizações européias e estadunidenses, foram enviadas ao governo da Líbia, protestando contra o fato de a suprema corte haver negado à defesa a oportunidade de apresentar as provas científicas que inocentam os médicos, dando preferência ao testemunho de médicos libaneses claramente ignorantes a respeito de conceitos básicos de microbiologia.

O Dr. Robert Gallo aponta que as ações da Líbia desencorajam fortemente a colaboração de médicos e cientistas estrangeiros aos países em desenvolvimento, e que a ajuda científica é a maior necessidade atual da Líbia no sentido de prevenir outra epidemia. O governo do país, por sua vez, sugere um acordo, pedindo que os países ocidentais enviem um total de 5,7 bilhões de dólares como ressarcimento às famílias das vítimas. O presidente do Royal College of Physicians, Dr. Ian Gilmore, ressalta: "Nossa preocupação é que os enfermeiros e o médico estejam sendo usados como bodes expiatórios para o problema do HIV na Líbia. Temos de nos mobilizar. (...) isto se deve, em parte, ao fato de eles pertencerem a um país menos proeminente. Se fossem ingleses ou americanos, o mundo teria despertado antes."

Uma das perguntas que surgem imediatamente é: por que a ciência, a educação e mesmo a gestão pública ainda são nacionais? Se fôssemos um único conjunto, de fato e não apenas nas canções e nas idéias, já poderíamos estar livres, sem sombra de dúvida, de uma imensa, avassaladora parcela dos problemas que afligem os seres humanos. Mas por que é tão difícil livrarmo-nos da idéia de que existe algum valor numa bandeira e num hino?

Todas as equipes esportivas, sejam de futebol, de basebol ou de hóquei, têm também um pedaço de pano colorido e uma canção com os quais se identificam. Se é assim, podemos dizer que o mecanismo que nos faz celebrar e lançar fogos de artifício ao ver a seleção brasileira ou o time regional pelo qual torcemos ganhar um jogo é o mesmo que permite milhões de mortes por inanição, altas taxas de suicídio entre tribos indígenas, violência doméstica e urbana, epidemias de doenças cuja cura já foi descoberta há mais de um século, uso de drogas e tortura a prisioneiros de guerra, entre muitos outros? Se isso é verdade, poderemos então usar uma coisa para compreender a outra?

E quanto à família? Será possível abolir o nacionalismo sem eliminar o apego por ela? Ou ambos são a mesma coisa? Por que somos capazes de ver uma criança suja, doente e chorando numa calçada e continuar no caminho de volta para casa, para o trabalho ou a escola? Faríamos o mesmo com nossos filhos? Ou saltaríamos imediatamente sobre o problema para resolvê-lo? Por que permitimos o sofrimento de um ser humano quando ele não faz parte da nossa família ou do nosso grupo de amigos? É certo que, se tivéssemos a mesma responsabilidade para com todos, não haveria presídios superlotados, nem hospitais psiquiátricos explorados pela máquina de lucro do governo, nem guerras, nem tanta destruição e tortura.

Nós certamente sabemos de tudo isso. Então por que não eliminamos nossa associação com qualquer espécie de grupo e não educamos nossas crianças sem identificação com uma família, sabendo que um país é apenas uma idéia, uma divisão administrativa? Será por medo? Medo de ficarmos sozinhos na velhice se eles não tiverem apego por nós? Medo do futuro pessoal dessas crianças? Medo do que nossos amigos dirão se os educarmos de modo tão diferente da cultura em que fomos criados? Ou será um completo engano, e até uma mentira, dizer que sabemos ser essa uma das maiores causas de tanta miséria e sofrimento?

Nesta edição, abrimos com um dos textos mais enfáticos de Krishnamurti a respeito do nacionalismo, e prosseguimos com o problema da urgência da transformação, do apego e da morte, e da absoluta futilidade de conhecer os ensinamentos e não agir, não modificar a própria vida.

"(...) mas tudo isso não vale um centavo se não é vivido." - J. Krishnamurti

Esta é a nossa terra, não sua ou minha

Por que existe, deve-se questionar, essa divisão - o russo, o americano, o inglês, o francês, o alemão e etc. - por que há essa divisão entre homem e homem, entre raça e raça, cultura e cultura, uma série de ideologias contra outra? Por quê? Por que há essa separação? O homem dividiu a terra como sua e minha - por quê? Será que tentamos encontrar segurança, auto-proteção, num grupo particular ou numa crença particular, fé? Porque as religiões também dividiram o homem, colocaram homem contra homem - os hindus, muçulmanos, cristãos, os judeus e assim por diante. O nacionalismo, com seu patriotismo infeliz, é de fato uma forma glorificada, enobrecida, de tribalismo. Numa pequena tribo ou numa tribo imensa há um senso de estar junto, ter o mesmo idioma, as mesmas superstições, o mesmo tipo de sistema político, religioso. E a pessoa se sente segura, protegida, feliz, confortada. E por essa segurança, conforto, estamos dispostos a matar outros que têm o mesmo tipo de desejo de estarem seguros, de se sentirem protegidos, de pertencer a alguma coisa. Esse terrível desejo de identificar a si mesmo com um grupo, com uma bandeira, com um ritual religioso e assim por diante nos dá o sentimento de ter raízes, de que não somos viajantes sem lar. Há o desejo, o ímpeto, de encontrar as próprias raízes.

E também dividimos o mundo em esferas econômicas, com todos os seus problemas. Talvez uma das maiores causas da guerra seja a indústria pesada. Quando a indústria e a economia vão de mãos dadas com a política, elas devem inevitavelmente sustentar uma atividade separatista para manter sua estatura econômica. Todos os países estão fazendo isso, os grandes e os pequenos. Os pequenos estão sendo armados pelas grandes nações - alguns em segredo, subrepticiamente, outros abertamente. Será a causa de toda essa miséria, sofrimento e enorme desperdício de dinheiro em armamentos a visível ostentação do orgulho, do querer ser superior aos outros?

Essa é a nossa terra, não sua ou minha ou dele. Supõe-se que deveríamos viver nela ajudando um ao outro, não destruindo um ao outro. Isto não é alguma bobagem romântica, mas o fato real. Mas o homem dividiu a terra, esperando assim que pelo particular ele irá encontrar felicidade, segurança, um senso de conforto duradouro. Até que uma mudança radical ocorra e nós erradiquemos todas as nacionalidades, todas as ideologias, todas as divisões religiosas, e estabeleçamos um relacionamento global - psicologicamente primeiro, internamente antes de organizar o exterior - nós continuaremos com as guerras. Se você prejudica outros, se você mata outros, seja por raiva ou pelo assassinato organizado que é chamado de guerra, você,

que é o resto da humanidade, não um ser humano separado lutando contra o resto da humanidade, está destruindo a si mesmo.

Krishnamurti to Himself, pg. 59-60

© 1987 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd

O movimento retrógrado

(...)

P (Pupul Jayakar): Você ouve aquela buzina. Para você não há barulho nisso, de todo?

K (Krishnamurti): Não.

P: Isso é realmente extraordinário. Para você não há barulho. Quando você tapa seus ouvidos, não há nenhum som interno, separado de você? Nós ouvimos um som interno. Você não ouve?

K: (*Krishnamurti fecha seus olhos e ouvidos*) Não. Mas deve-se ser claro. Quando os olhos estão fechados, geralmente vêm-se manchas. Se se observam essas manchas, elas desaparecem.

P: Não há uma expansão, uma contração?

K: Nada. Quando eu fecho meus olhos, não há absolutamente nenhum movimento de qualquer tipo.

P: Isso significa que toda a sua consciência é diferente. Quando eu fecho meus olhos, há tantos padrões. Para você não há movimento de som ou padrão.

K: Essa é a razão por que quero entrar nessa questão do conhecimento. Essa pessoa não leu os *Yoga-sutras* e os livros religiosos, e para ele há apenas um vazio completo.

P: Não é porque ele não leu nenhum livro religioso.

K: Não há interferência do conhecimento.

P: O mesmo fenômeno não vai acontecer a qualquer um que seja leigo em relação à literatura religiosa. Não pode acontecer a um comunista.

K: É o conhecimento como padrão que interfere. O padrão é criado pelo conhecimento, pela experiência. Quando não há retenção de conhecimento, o que acontece? Há quietude absoluta, nenhum movimento dos olhos, dos ouvidos e do desejo. Por que você faz disso algo especial? O homem que está preso na associação, em idéias, no

pensamento, no padrão, não tem uma mente vazia.

P: O que você diz é válido. Há muitas ocasiões em que o que você diz é válido dentro de mim.

K: Meu ponto é esse: aquelas pessoas que falaram de movimento interno estavam conscientes de sua natureza dualística?

P: Devem ter estado. Os *Yoga-sutras* dizem que aquele que vê não é nada mais do que o instrumento de visão. Eles fazem uma afirmação categórica como essa.

K: Provavelmente o homem que percebeu a realidade disse que aquele que vê e o ato de ver são um. Então os seguidores vieram e fizeram teorias sem experimentar esse estado.

Eu não posso separar o observador do observado. Quando eu fecho meus olhos, não há observador, de todo. Portanto, não há movimento interno em oposição ao movimento externo.

P: Você se vê como uma pessoa?

K: Se você quer dizer o corpo, sim. Como um ego, como uma pessoa falando na plataforma, caminhando, escalando a montanha, não.

P: O senso de existência, o senso de "eu sou", opera em você?

K: Uma das coisas que nunca tive é o senso de "eu". Nunca.

P: "Eu existo" é o âmago central em todos nós; é a própria fábrica de nossa existência.

K: As expressões periféricas de Krishnamurti parecem sugerir uma pessoa, mas no centro não há nenhuma pessoa. Eu realmente não sei o que isso significa. Você pergunta se há um centro, o senso de "eu sou", em mim. Não. O sentimento de "eu sou" não é verdadeiro.

P: Isso não é tão óbvio assim. Mas o senso de existência, o âmago do ego dentro de nós, é desconhecido. Há algo que o mantém coeso e, enquanto isso permanecer, o que você diz não tem validade para nós.

K: Não há movimento do passado como "eu" no centro, na pessoa.

Tem-se de entrar nisso muito cuidadosamente. Como dissemos outro dia, o primeiro passo é o último passo; a primeira percepção é a última percepção; e o findar da primeira percepção é a nova percepção. Portanto, há um completo intervalo entre a primeira percepção e a segunda percepção. Nesse intervalo, não há movimento do pensamento. Haveria o movimento do pensamento quando a memória da primeira percepção permanece, não quando ela acaba. A mente não pode esvaziar a si mesma de cada percepção? Não pode morrer para cada expressão? E, quando o faz, onde estaria a raiz do "eu sou"? Quando a mente é assim, há qualquer movimento de padrão ocorrendo? Quando os olhos, os ouvidos e o desejo são inexistentes enquanto movimento em direção ou para longe de alguma coisa, por que a mente deveria ter qualquer padrão? O ato de ver é aquele que vê - nisso não há dualidade. Mas aqueles que fazem dessa afirmação um axioma não a experimentam e, portanto, ela permanece uma teoria.

P: Os *sutras* dizem que há muitos tipos de liberação: liberação pelo nascimento - alguns homens nascem desse modo e essa é a mais alta forma de liberação; liberação por drogas, que é parte da bruxaria; liberação através de *asanas* e através do controle da respiração; e liberação pela compreensão. Eu sempre senti que você nunca tem sido capaz de explicar-nos como a liberação aconteceu a você. Sua mente era como a nossa e passou por uma mudança posteriormente? Se foi assim, há uma possibilidade de ver por si mesmo e transformar o ego. Mas mesmo isso não é relevante. Eu vejo que o ver do outro não pode me ajudar a ver; o que eu vejo é meu. Deve-se deixar isso aí. Não se pode investigar mais.

K: Como você disse, a liberação se divide entre aqueles que nasceram liberados e aqueles liberados através de drogas, através da yoga, através do controle da respiração e da compreensão. Estas são apenas explicações de um fato muito simples.

P: Sua mente não é como a nossa; esse é um fato simples.

K: Há todas essas categorias: drogas, *asanas*, e o enorme esforço envolvido na compreensão - mas eu não penso que isso funcione desse modo, de todo.

P: Não estou preocupada com o que os livros dizem. Estou muito preocupada quando minha mente tagarela. No momento da percepção, eu vejo que um certo esmaecimento ocorreu em mim. Mas eu não estou

livre do desejo de pôr fim ao tagarelar.

K: Você realmente quer pôr fim a ele?

P: Sim.

K: Por que ele não termina? Você vê, isso é muito interessante: não há fim para o tagarelar.

P: Isso é o que minha mente se recusa a ver - que não há ação para pôr fim a ele.

K: Por quê? Você quer entrar nisso?

P: Sim.

K: Primeiro, por que você se opõe quando sua mente tagarela? Se você quer pôr fim ao tagarelar, então o problema começa. A dualidade é o desejo de pôr fim a "o que é". Por que você se opõe a isso? Há barulho - o ônibus passando, o corvo grasnando. Deixe que o tagarelar prossiga. Eu não vou resistir a ele. Não vou me interessar por ele. Ele está lá. Isso não significa nada.

P: Essa é sua magnitude. Se você me perguntar qual é a maior coisa em seu ensinamento, é esta - ser capaz de dizer a si mesmo, à mente tagarela: deixe isso aí. Nenhum instrutor disse isso antes.

K: O que significa que a influência periférica não tem significado no centro.

P: Todos os instrutores falaram em pôr um fim ao tagarelar, à influência periférica.

K: Você não vê que, quando o tagarelar não tem importância, ele está acabado? É estranho como isso funciona. Acho que essa é a coisa central que os profissionais têm perdido. Você diria que o guru está preocupado apenas com mudança periférica?

P: Não. Ele está preocupado com mudança central. Para você não há diferença entre o centro e a periferia. Dentro do assim chamado centro estão o primeiro e o último passo. Os gurus diriam: livre-se do tagarelar periférico.

K: Quando o sol está brilhando, você não pode fazer nada a respeito. Quando ele não está lá, o que deveríamos fazer? *(pausa)* O que o homem fará com a afirmação: "Deixe-a tagarelar"? O fato é que não há dualidade, e que o observador é o observado a todo momento. O barulho da periferia é o barulho do observador. Quando o observador não está, o barulho não está. Quando há resistência, o observador passa a existir. Pode-se realmente ver que aquele que vê é o ato de ver e não aceitar essa afirmação como um axioma, como uma interpretação? Mas nós vemos que os profissionais fizeram disso um slogan.

Há liberação para o homem que toma drogas, que se aplica a inspirar e expirar por anos? Isso pode levar a uma mente distorcida. E o homem que analisa e quer compreender - você acha que ele vai encontrar a liberação? Então, se você negar tudo isso, ela está lá sobre uma travessa de prata. Ela é oferecida. Isso traz uma tremenda solidão que é pura, que é clara como cristal.

Nunca repita coisa alguma; nunca diga nada que você não saiba, que você não tenha vivido.

Nova Délhi, 26 de Dezembro de 1970

De Tradition and Revolution, pg. 39-43

© 1972 Krishnamurti Foundation Trust Ltd, London

Indiferença e compreensão

Deve-se ser indiferente - à saúde, à solidão, ao que as pessoas dizem ou não dizem, indiferente a ser ou não ser bem-sucedido, indiferente à autoridade. Se você ouve alguém atirando, fazendo muito barulho com uma arma, você pode muito facilmente se acostumar a isso, e você deixa de prestar ouvidos; isso não é indiferença. A indiferença surge quando você ouve aquele barulho sem resistência, segue com aquele barulho, cavalga aquele barulho infinitamente. Então o barulho não afeta você, não perverte você, não o torna indiferente. Então você ouve cada barulho no mundo - o barulho de suas crianças, de sua esposa, dos pássaros, o barulho da algazarra que os políticos fazem. Você ouve isso completamente com indiferença e portanto com compreensão.

De *On Living and Dying*, pg. 99

© 1992 Krishnamurti Foundation Trust Ltd
and Krishnamurti Foundation of America

O que é morrer?

(...)

Estamos tentando descobrir, investigar, o que é a vida. Dizemos que enquanto houver qualquer tipo de medo, o outro não poderá existir. Se houver qualquer forma de apego, o outro não poderá existir - o outro é o amor.

Então vejamos o que é o mundo e investiguemos o que é a morte. Por que temos tanto medo da morte? Os senhores sabem o que significa morrer; já não viram dezenas de pessoas mortas ou feridas? Indagaram profundamente sobre o que é a morte? Esta é uma pergunta muito importante, tão importante quanto o que é a vida. Dissemos que a vida é toda essa loucura - conhecimento, ir para o escritório às nove da manhã, etc., lutar, não querer isto, querer aquilo. Sabemos o que é viver, mas nunca discutimos seriamente o que é morrer.

O que é morrer? Deve ser uma coisa extraordinária morrer. Tudo é arrebatado de nós: os pertences, o dinheiro, a esposa, os filhos, o país, as superstições, os gurus, os deuses. Os senhores podem querer levar tudo isso para o outro mundo, mas não podem. Então a morte diz: "Fique totalmente desapegado". É o que acontece quando ela chega: não há ninguém em quem se apoiar. Não há *nada*. O senhor pode acreditar que vai reencarnar. Esta é uma idéia muito cômoda, mas não é um fato.

Estamos tentando descobrir o que significa morrer enquanto se vive - não cometendo o suicídio; não estou falando sobre esse absurdo. Quero descobrir por mim mesmo o que significa morrer, ou melhor: posso me libertar de tudo o que o homem criou, de mim mesmo, inclusive?

O que significa morrer? Abandonar tudo. A morte, com uma navalha muito afiada, separa o homem de seus pertences, de seus deuses, de suas superstições, de seu desejo por conforto - da próxima vida, e assim por diante. Vou descobrir o que significa a morte porque ela é tão importante quanto o viver. Então, como eu posso descobrir, na realidade, não teoricamente, o que significa morrer? Eu realmente quero saber, assim como os senhores. Estou falando com os senhores, portanto, não durmam. O que significa morrer? Façam essa pergunta a si próprios. Enquanto somos jovens, ou quando somos muito velhos, essa pergunta está sempre presente. Significa estar completamente livre, totalmente desapegado de tudo o que o homem construiu, ou que os senhores construíram - completamente livre. Nada de apegos, de deuses, nenhum futuro, nenhum passado. Os senhores não

conseguem ver a beleza disso, a grandeza disso, a força extraordinária que há nisso - morrer enquanto estamos vivos? Compreendem o que isso significa? Enquanto estão vivendo, a cada momento estão morrendo, de modo que, durante a vida toda, não estão apegados a *nada*. Isso é o que significa a morte.

Assim, viver é morrer. Compreendem? Viver significa que a cada dia estão abandonando tudo a que estão apegados. Podem fazer isso? Um fato muito simples, mas com tremendas implicações. Assim, cada dia é um dia novo. Cada dia os senhores estão morrendo e encarnando. Há uma enorme vitalidade, energia, porque não há nada a temer. Nada que possa nos ferir. Isso de estar ferido não existe.

Todas as coisas que o homem construiu têm de ser totalmente abandonadas. Isso é o que significa morrer. Então, os senhores são capazes de fazê-lo? Tentarão? Farão uma experiência? Não por apenas um dia; todos os dias. Não, os senhores não podem fazê-lo; o cérebro dos senhores não está treinado para isso. Ele tem sido duramente condicionado pela sua formação, pela tradição, pelos livros, pelos professores. É preciso descobrir o que é o amor. Amor e morte andam juntos. A morte diz: "Seja livre, não se apegue, você não pode carregar nada consigo". E o amor diz, o amor diz - não há palavra para isso. O amor só pode existir quando há liberdade, não em relação à sua esposa, a uma nova garota, ou a um novo marido, mas quando há sentimento, a enorme força, a vitalidade, a energia da liberdade total.

De *O Futuro é Agora*, pg. 145-147

A verdade tem sua própria força?

(...)

P36: A verdade tem sua própria força?

K: Sim, se o senhor a deixar em paz.

P37: Senhor, essa pergunta foi feita por mim. Posso esclarecer o que quero dizer com isso?

K: Sim, qual a pergunta?

P37: Minha pergunta é a seguinte: o senhor tem repetido tantas vezes, durante setenta anos, que não quer convencer ninguém de coisa alguma, que não é um preceptor, que não ensina nada a ninguém... Mas os centros da Fundação Krishnamurti - cujo presidente é o senhor - convidam o público, "Venham aqui, aqui estão os ensinamentos de Krishnamurti; estude aqui o que ele diz. Ele descobriu tantas coisas. Por favor, venham aqui e tentem estudar". O senhor diz que trabalha como um espelho; quando eu uso o espelho, ele me ajuda?

K: Ajuda.

P37: Ele me ajuda, a luz está me ajudando. Essas coisas são os seus ensinamentos? Então não há mal em dizer que o senhor está ensinando algo, está esclarecendo algo. O senhor mesmo diz que trabalha como um espelho; qualquer coisa que esteja trabalhando como um espelho está decididamente me ajudando.

K: Sim, senhor.

P37: Esta é a minha pergunta.

K: Em todas as suas palestras, Krishnamurti enfatizou que ele é meramente um espelho - certo? - que ele é simplesmente um espelho que reflete o que é a vida das pessoas. E ele também disse que o senhor pode quebrar esse espelho se viu a si próprio com clareza; o espelho não é importante. Mas o que tem acontecido no mundo inteiro? Todos querem se juntar aos vitoriosos. Sabe o que isso significa? Todos querem fazer parte do circo.

Por favor, não se aborreça; apenas ouça os ensinamentos. Se alguém quer formar um pequeno centro em Gujarat, deixe que o faça, mas ele não tem nenhum poder para dizer que representa Krishnamurti, que é seu seguidor. Ele pode dizer o que quiser; ele é livre para fazer o que quiser. Não estamos impondo a ninguém que faça isto ou aquilo. Por exemplo: ele começa comprando vídeos e tudo mais e reúne alguns amigos em sua casa. Isso é problema dele. Não vamos dizer: "Não faça isto, faça aquilo". Se alguém o fizesse, eu diria: "Desculpe-me, mas não faça isso". Mas eles gostam de fazer isso, gostam de ser intérpretes, gurus ao seu pobre modo. O senhor conhece o jogo que todos jogam. Então, se quiser fazer isso, é bem-vindo. A Fundação - infelizmente ou felizmente, eu pertenço a ela - diz que a pessoa é livre para fazer o que quiser - o senhor compreende? Compre os livros, leia os livros, queime os livros de Krishnamurti, faça o que quiser. Está em suas mãos. Se quer viver de acordo com eles, viva; se não quiser, tudo bem, é problema seu. De uma vez por todas, isso ficou claro?

P37: Sim, senhor.

K: A Fundação não tem nenhuma autoridade sobre a sua vida, para dizer-lhe o que fazer, o que não fazer, ou para dizer: "Este é o centro de onde emana toda a radiação", como uma estação de rádio ou de televisão; não estamos dizendo isso. Tudo o que dizemos é: eis aqui algo que pode ser original ou não; eis aqui algo para ser observado. Procure ler; procure entender. Se não está interessado, jogue fora; não faz mal. Se quiser viver desta maneira, viva. Se não quiser, caia fora. Não faça muito barulho à sua volta. O senhor compreende o que estou dizendo? Não faça disso um alvoroço - não diga que entendeu e que vai ensinar os outros. Certo?

(...)

De O Futuro é Agora, pg. 109-111

O que você fará quando K tiver partido?

Durante sua vida, K freqüentemente perguntava àqueles à sua volta: "O que você fará quando K tiver partido?". Por vezes, ele apontava que grupos formados ao redor de um líder tendiam a se romper dentro de quarenta anos após a morte do líder. Ele, também freqüentemente, enfatizava os perigos e falhas de organizações que seguem um líder particular e mantêm uma ordem ou estrutura hierárquica.

Quando os colaboradores respondiam à pergunta de K com "Nós iremos proteger e disseminar os ensinamentos", K dizia: "Você tem de viver os ensinamentos, e então eles afetarão o mundo. Os ensinamentos têm sua própria proteção."

De *The Beauty of The Mountain*, pg.70
© 1991 Friedrich Grohe
Fourth Edition 2004

O que é criação?

(...)

Alguma vez o cérebro dos senhores fica quieto? Ele está pensando, sentindo medo, pensando no trabalho do escritório, na família, no que farão os filhos, as filhas; pensando, que é tempo e pensamento. Alguma vez o cérebro dos senhores fica *quieto*? Não graças às drogas, ao uísque. Os senhores se drogam quando acreditam. Drogam-se e dizem: "Sim, isto está perfeitamente certo; o Buda o disse, portanto deve estar certo.". Os senhores estão se drogando o tempo todo; portanto, não têm aquele tipo de energia que necessita da penetração de algo maior.

Agora vamos procurar saber o que é a criação. O que é a criação? Não tem nada que ver com a invenção. Então, o que é a criação, a origem, o começo? O que é a vida? E não ir par o escritório e tudo mais, sexo e os filhos, ou sexo sem filhos, e assim por diante. O que é a vida? O que dá vida àquela folha de grama no cimento? O que é a vida em nós? Não aquelas coisas que buscamos - poder, posição, prestígio, fama, ou não-fama, mas vergonha; isso não é vida, isso faz parte do nosso vilipêndio à vida. Mas, o que é a vida?

Por que os senhores estão me ouvindo? O que os faz ouvir, se é que estão ouvindo, este homem? Qual o motivo que está por trás disso? O que os senhores pretendem? Qual o desejo dos senhores? Por trás do desejo há um motivo. Então, o que é o desejo? O desejo faz parte de uma sensação, não faz? Eu vejo que este relógio é bonito ou feio: é uma sensação. O ato de ver gera uma sensação. Dessa sensação vem o pensamento que constrói uma imagem. Isto é, eu vejo o relógio, ou melhor, eu gostaria de tê-lo. A sensação de ver, então vem o pensamento e constrói uma imagem da sensação; nesse momento, nasce o desejo. É muito simples.

Existe um cérebro, o seu cérebro, que não está contaminado, contaminado pelo ambiente, pela tradição, pela sociedade e tudo mais? Então qual a origem da vida? Estão esperando que eu responda? É um assunto muito sério para brincar, pois estamos tentando discutir sobre algo que não tem nome, nem fim. Posso matar aquele pássaro; há um outro pássaro. Posso matar *todos* os pássaros; há muitos deles no mundo. Assim, vamos discutir a origem de um pássaro. O que é a criação que está por trás disso tudo? Estão esperando que eu a descreva? Querem que eu analise? Por quê?

(Do público): Para entender o que é a criação.

Por que estão perguntando isso? Porque eu perguntei? Nenhuma descrição pode jamais descrever a origem. A origem é inominável; a origem é *absolutamente silenciosa*, não emite o menor som. A criação é o que há de mais sagrado na vida, e os senhores fizeram de suas vidas uma confusão. Mudem-na. |Mudem-na hoje, não amanhã. Se estão inseguros, descubram por que e sintam-se *seguros*. Se o seu pensamento não está correto, pensem corretamente, logicamente. A não ser que tudo isso esteja preparado, arrumado, não poderão entrar nesse mundo, no mundo da criação.

Acabou. (*Esta palavra mal é ouvida, é mais murmurada do que falada.*)

Esta é a última palestra. Querem sentar-se juntos, em silêncio, por alguns minutos? Muito bem, sentem-se em silêncio por alguns momentos.

De *O Futuro é Agora*, pg. 155-156

Evento público no próximo dia 25 de novembro

No último dia 30 de setembro, como foi anunciado em nosso site (www.krishnamurti.org.br), a Instituição Cultural Krishnamurti teve o prazer de realizar seu primeiro evento público desde 2000. Para uma primeira experiência após tanto tempo, podemos dizer que foi bastante bem-sucedido.

Aproveitando as facilidades do local do evento, realizamos pela manhã a assembléia geral, programada para o mesmo dia.



Num total de cerca de quatro horas, foi debatida uma ampla gama de questões, passando das estratégias administrativas à organização dos trabalhos de tradução e decisão do direcionamento dado às receitas, no intuito de melhorar nossa atual capacidade de publicação de títulos e prosseguir com a realização de outros eventos públicos como aquele.

A partir das 16h, foi iniciada a exibição da 1ª palestra pública da série Brockwood 1983 ("Como pode o cérebro transformar-se a si mesmo?"), precedida pela palavra de dois membros de nossa atual comissão executiva, incluindo o presidente da instituição, Sr. Onofre Máximo.



Após o término da exibição, seguiu-se um vivo debate sobre muitas questões inerentes aos ensinamentos, sem a obrigatoriedade de manter relação com o tema da palestra exibida, embora ela tenha sido o combustível inicial. Surgiram sobretudo questões relativas à aplicação prática dos ensinamentos na

vida diária e da literalidade de algumas das afirmações impactantes de Krishnamurti. O intervalo entre a palestra e o debate propiciou ainda, além da confraternização e do lanche, a oportunidade para aquisição de alguns dos DVDs e livros que fazem parte de nosso acervo.



Assim, gostaríamos de convidar o leitor para o nosso próximo evento público, a ser realizado no dia **25 de Novembro** próximo. Será exibida a **2ª palestra pública da série Brockwood 1983 ("Somente na paz a mente humana pode ser livre")**, com 70 minutos de duração.

Adotando estrutura quase idêntica à do nosso evento inaugural, iniciaremos a exibição da palestra às 15h, fazendo logo após um breve intervalo para o cafezinho e iniciando o debate entre aqueles que desejarem participar. O evento será realizado à Rua Diniz Cordeiro, 26, em Botafogo, no Rio de Janeiro. Esta rua começa na Rua Real Grandeza, próximo às esquinas das ruas Pinheiro Guimarães e General Polidoro.

Ficaremos honrados com a sua presença. Como temos limitação de espaço, solicitamos aos interessados que se inscrevam, enviando nome completo para o endereço de e-mail **novembro25@krishnamurti.org.br**. Havendo excesso de procura, serão privilegiados os primeiros inscritos.